

GRAMSCI, O MERIDIONAL: REFLEXÕES SOBRE SUA VIDA, PENSAMENTO POLÍTICO E INFLUÊNCIA NO SERVIÇO SOCIAL¹

Solange Ribeiro da Silva²

Este trabalho de conclusão de curso traz como objeto de estudo algumas reflexões sobre a vida e o pensamento político de Antonio Gramsci e sua influência no Serviço Social. Este estudo tem afinidade com o tema da Semana de Mobilização Científica - SEMOC, uma vez que ele é fruto de fome de conhecimento, fome da busca de uma teoria que proporcionasse um maior suporte teórico-político na prática profissional do Assistente Social.

O estudo do tema proposto visa a uma maior compreensão da teoria gramsciana, uma vez que esta é estudada de modo sumarizado no curso de Serviço Social. Investiga-se a unidade teoria x prática, uma vez que a realidade experienciada é cortada pela fragmentação entre ambos; promove-se um maior debate do pensamento político de Gramsci entre os Corpos Docente e Discente de Serviço Social, resgatando as categorias e a atualização do pensamento político de Gramsci na atual conjuntura; problematiza-se a influência do seu pensamento no Movimento de Reconceituação do Serviço Social.

A metodologia utilizada para o presente estudo foi a pesquisa bibliográfica e de diálogos – não só com a professora orientadora, mas também com o *Núcleo de Estudos Antonio Gramsci no Rio de Janeiro* (NEAG).

A pesquisa percorreu alguns autores que buscaram interpretar o pensamento político de Gramsci, procurando-se chegar à sua origem – até mesmo em algumas cartas e cadernos do cárcere escritos pelo próprio autor. O estudo biográfico foi auxiliado pelos estudos de alguns biógrafos e pelas citadas cartas do cárcere.

O corpo do trabalho compõe-se de três capítulos. No primeiro, é realizada uma breve síntese biográfica da vida do pensador italiano, contextualizando sua trajetória de vida com os acontecimentos específicos da Itália e com os grandes acontecimentos de repercussões mundiais, tais como a I Guerra Mundial e a Revolução Russa.

No segundo capítulo são esboçadas algumas reflexões sobre o pensamento político de Gramsci, indicando como são tratadas as categorias com as quais teve de movimentar suas teorias, referentes a estado ampliado, hegemonia e o pensamento intelectual. Procurou-se situar esses conceitos na realidade brasileira, naquilo em que tais conceitos com ela se contactam e podem beneficiá-la.

No terceiro capítulo, faz-se um reexame da historiografia do Serviço Social, contextualizando-o na dinâmica do processo histórico brasileiro, pontuando em determinados momentos o modo pelo qual a contribuição de Gramsci pode favorecer o Serviço Social e a compreensão da realidade brasileira.

Esse capítulo, ainda à luz da análise gramsciana, conduz uma problematização do projeto profissional, visando a possibilidade de um outro olhar para a profissão.

Para entender o pensamento de Gramsci e sua contribuição no campo da teoria política, foi preciso situá-lo no seu tempo, espaço e condições de vida. Essa contextualização se fez relevante tendo em vista a não reprodução de conceitos utilizados em uma dada realidade sem atualizá-los ou descartá-los, se for o caso, na realidade que se pretende investigar. Foi necessário identificar o que está “vivo” e o que está “morto” – não só na presente teoria, mas, potencialmente, em qualquer teoria estudada. Por exemplo: a tomada do poder na época de Gramsci era fato, a Revolução Russa foi uma experiência viva para ele. E hoje, o que é a tomada do poder?

¹ Trabalho de monografia de conclusão do Curso de Graduação em Serviço Social realizado sob a orientação da Professora Iranildes Viana Pereira.

² Acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador – UCSal. sol_ucsal@ig.com.br.

Buscando maior compreensão do trabalho, segue-se uma breve síntese: Antonio Gramsci nasceu em 1891, na ilha da Sardenha, ao sul da Itália. Sua trajetória de vida foi marcada pela disparidade social entre o norte e sul da Itália, disparidade conhecida como a “questão meridional”. Para entender o pensamento político de Gramsci, necessariamente deve-se conhecer a centralidade daquela cisão em seu legado teórico.

Trazer a questão meridional italiana para o centro da discussão remete o estudante a pensar sobre a questão nordestina, questão essa pouco salientada no debate acadêmico. Estudar Gramsci, nesse enfoque, é chegar a uma compreensão mais coerente da realidade que nos rodeia e nos solicita ser transformada.

Em 1911, aos vinte anos, pela primeira vez, Gramsci deixa a terra natal para estudar na universidade de Turim, norte da Itália. Nesse período, começa a participar das lutas dos trabalhadores italianos. Em 1915, já militante do Partido Socialista Italiano, é levado pelas precárias condições financeiras a abandonar a faculdade. Logo em seguida, passa a assumir as atividades jornalísticas. A I Guerra Mundial (1914-18) e a Revolução Russa (1917) foram temas constantes de análise e investigação para o clima revolucionário que se instalara na Itália.

Gramsci tornou-se um revolucionário. Para ele, quem deseja o fim (o Estado, a Revolução), deve desejar os meios. Em 1919, com esse pensamento, baseado na experiência dos *soviets* na Rússia organizou os conselhos de fábricas e fundou o jornal desses conselhos. Eram conselhos voltados para funcionarem como instrumentos políticos na organização dos trabalhadores - direcionados para a conquista do poder, e onde todos pudessem tomar parte nas decisões revolucionárias; paralelamente, eram cogitados para ser centros educacionais para a classe trabalhadora.

Essa experiência aponta principalmente para nós, acadêmicos: além de uma boa teoria que sirva de base para a prática profissional, é necessário buscar sua materialidade nos possíveis meios existentes na sociedade para que seja transformada.

Nos anos seguintes, Gramsci vem a se tornar o maior dirigente do Partido Comunista Italiano, que ajudara a fundar em 1921. Em 1924, é eleito deputado. Com a ascensão do fascismo, faz firme oposição ao líder fascista Mussolini. Em 1926, Gramsci é preso por ordem do ditador fascista, com ordens expressas para impedir que seu cérebro parasse de funcionar por 20 anos.

Durante os anos que vivera na prisão, Gramsci passou por inúmeros sofrimentos causados pela debilidade física e pelas péssimas condições carcerárias às quais fora submetido. Entretanto, seu cérebro continuou funcionando: mesmo preso e sob forte vigilância fascista, continuou a investigar o fracasso da revolução italiana e os caminhos para que a mesma acontecesse. Seus cadernos e cartas foram brilhantes anotações feitas num total isolamento da prática e do debate político.

Na prisão, Gramsci não estudava apenas por estudar, ou seja, não era um estudo desinteressado. Pensamento e ação sempre foram inseparáveis em sua vida. Diante do quadro do desenvolvimento capitalista, estudara o Estado e suas formas de ampliação para a sociedade civil – que inviabilizava as estratégias até então formuladas nos moldes da Revolução Russa.

A sociedade passava a possuir características mais complexas. A participação da classe subalterna começara a crescer, redimensionando seu nível de organização na sociedade. Para dar conta das demandas e manter o controle, o Estado, como esponja, absorvera a sociedade civil, não só ampliando instituições estatais, mas subordinando as atividades dos organismos privados, principalmente criando leis de regulamentação dessas atividades, e para manter a direção, procurara difundir sua ideologia por meio da sociedade civil.

Ampliando a ação do Estado, a sociedade civil passa a ser o “chão” da “trama privada”, ou seja, a trama entre Estado e a classe dirigente que utiliza os espaços privados para complementar e difundir sua ideologia. Para Gramsci, no seu conceito de ideologia, este é o significado mais alto de uma concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas. A ideologia passa a ser o cimento que conserva a unidade ideológica no social.

O Estado, situado na superestrutura, envolve a sociedade política (poder repressivo e coercitivo) e, passando a ter novas determinações no contexto histórico apresentado, incorpora a sociedade civil. Quanto à materialidade da sociedade civil, já que a sociedade política possui seus portadores materiais nos aparelhos repressivos de Estado, os portadores materiais da sociedade civil são os que Gramsci chama de *aparelhos privados de hegemonia*. Longe de serem espaços mecânicos e exclusivos da classe dominante, são terrenos de luta onde, cotidianamente, as classes se defrontam. A escola, por exemplo, seja pública ou privada, enquanto aparelho de hegemonia, é um espaço onde a luta pela qualidade de ensino, entre outras demandas, se trava, e a mudança dependerá da coesão e da articulação de cada grupo. Nesse processo, o movimento estudantil passa a possuir papel fundamental.

Para Gramsci, a sociedade civil não é apenas o *território exclusivo da burguesia*, mas também, espaço de confronto entre as classes, por onde perpassam a subjetividade e as múltiplas expressões dos indivíduos organizados, fazendo alianças e confrontando seus projetos ético-políticos. O Estado não é visto como um bloco monolítico, mas atravessado pela luta de classes.

O Estado passa a exercer, na sociedade civil, a direção cultural, intelectual e moral, ou seja, a hegemonia. É pelo *consenso* ou “consentimento espontâneo” que a classe subalterna passa a absorver “voluntariamente” a ideologia ou a concepção de mundo da classe dominante, conservando, assim, uma certa homogeneidade, mesmo marcada por profundas contradições na sociedade civil. A hegemonia significa, sobretudo, direção cultural e ideológica em todos os níveis da vida cultural e social do indivíduo ou classe, perpassando o cotidiano e atuando sobre o senso comum. A idéia de hegemonia explica como uma classe pode estabelecer sua superioridade cultural e moral independentemente de seu poder político direto.

O Estado, quando se amplia para a sociedade civil, legitimando os organismos privados procura criar sua base de legitimação na busca da direção (hegemonia). Para tanto, engendra formas próprias que venham a estabelecer relação entre a sociedade civil e a sociedade política por meio da criação de normas, valores, comportamentos, saberes, ou seja, procura estabelecer uma cultura em sentido amplo de acordo com as necessidades, principalmente econômicas, da classe dirigente.

Nessa trajetória, Gramsci percebeu que os intelectuais estavam intimamente vinculados à sociedade civil e ao Estado. Ele parte do pressuposto que a atividade de intelectual se insere no conjunto das relações sociais, ou seja, suas atividades ou funções estão ligadas à determinada classe fundamental; o intelectual é aquele que exerce função organizativa na sociedade, seja na produção, na cultura, entre outras áreas.

Em relação ao Serviço Social, a partir de 1978, no Brasil, o pensamento de Gramsci³ é decisivo para o Movimento de Reconceituação do Serviço Social. A concepção de estado ampliado, que evidencia as instituições da sociedade civil não como espaço ou instrumento mecânico, lateral, de dominação do Estado – como pregava Althusser –, mas como espaço contraditório onde se trava a luta de classes. Essa concepção alavanca o fortalecimento da prática institucional e a busca de novas bases de legitimação para o Serviço Social.

Silva (1995), em relação à categoria transformação social, aponta o pensamento de Gramsci como o mais elucidativo para se pensar a transformação social em todos os planos, econômico e político-ideológico na literatura do Serviço Social. Essa categoria passa a ser construída a partir de outras, tais como hegemonia, ideologia, unidade entre teoria e prática, práxis e intelectuais.

Entretanto, apesar do potencial dessa teoria, salientando-se que Gramsci teve forte influência na década de 80 no Serviço Social, seu pensamento é pouco estudado na realidade acadêmica do Serviço Social.

Num momento conclusivo, constatou-se que a revisão da literatura biográfica sobre Gramsci foi elementar para o entendimento de seu pensamento político. A sua trajetória da Sardenha ao cárcere; a sua inteligência e coragem; a sua poderosa força de vontade de superar seus limites físicos

³ As obras de Gramsci passaram a ser editadas no Brasil entre 1966 e 1968. Entretanto, com o decreto AI-5 e outras tendências esquerdistas, sua obra ficou durante dez anos na penumbra.

e lutar, mesmo quando preso, para a transformação rumo a uma sociedade mais justa, toda essa rica história, serve de exemplo para trilharmos novos caminhos, superando o desestímulo, a passividade e o individualismo que pairam em grande parte dos jovens e adultos. Serve também de exemplo para permanecermos acreditando que a história não chegou ao fim, que mesmo por mais difusa que possa parecer, a luta das classes segue. Enquanto as condições de opressão, pobreza, miséria e exclusão permanecerem, sempre haverá luta de classes, e elas explodem em várias dimensões, até mesmo em forma de banditismo social.

Estudar Gramsci foi um verdadeiro exercício intelectual. Colocar para funcionar as engrenagens do pensamento enferrujadas pelas condições educacionais é tarefa árdua para a nossa sociedade, mas que vale a pena. Só assim, realmente, se poderá falar em sujeito construtor de sua própria história.

O lugar de Gramsci é o de um marxista do século XX que assumiu os desafios da sua contemporaneidade e contribuiu para combater alguns estigmas dentro do próprio marxismo. Em momento algum foi evidenciado seu abandono da perspectiva revolucionária, do contrário não seria necessária tanta censura e repressão em seus escritos pelo fascismo, e a sentença que decretava a necessidade de aquele cérebro parar de funcionar por 20 anos.

Por fim, um estudo mais aprofundado da teoria gramsciana indubitavelmente propiciará ao Assistente Social maior aperfeiçoamento teórico, metodológico e político em sua ação profissional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **A questão pedagógica e a classe subalterna**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, n. 51, pp. 61-74, ago. 1996.

BOBBIO, Norberto. **O conceito de sociedade civil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994. pp. 7-60.

BUCI-GLUCKMANN, Christinne. **Gramsci e o Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. pp. 35-67

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um Estudo sobre seu Pensamento Político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. pp. 7-74;p p. 121-56.

ESPINHEIRA, Gey. Entrevista, Informativo NEG, Salvador, n.2, out/2002.

FIORI, Giuseppe. **A Vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 366 p.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987a. 420 p.

_____. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 15-53; 78-9. V. 2.

_____. **Concepção Dialética da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp.1-64.

_____. **A Questão Meridional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b. 165 p.

GUIMARÃES, Simone de Jesus. **A Questão do Assistente Social enquanto Intelectual**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, n.26, p.120-144, abr.1988.

IAMAMOTO, Marilda Villela e CARVALHO, Raul. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992. pp.17-53

IAMAMOTO, Maria Vilela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999. pp. 17-81.

JOLL, James. **As Idéias de Gramsci**. São Paulo: Cultrix, 1977. 100 p.

LEPRE, Aurélio. **O Prisioneiro: a vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 306 p.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Século XX**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. pp. 29-44.

MAESTRI, Mário. CANDREVA, Luigi. **Vida e Obra de um Comunista Revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 224 p.

MANACORDA, Mário A. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990. pp. 17-42; 218-32.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o Bloco Histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. pp. 19-102.

RIBEIRO, Marlene. **O Caráter Pedagógico dos Movimentos Sociais**. Serviço Social e Sociedade, 58. São Paulo: Cortez. nov. 1998. pp. 41-70.

SEMERARO, Giovanni. Da Sociedade de Massas à Sociedade civil: a Concepção de Subjetividade em Gramsci. Disponível em: < www.Gramsci.org >. Acesso em: 04 jun. 2003.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e (coord.). **O Serviço Social e o Popular: Resgate Teórico-metodológico do Projeto Profissional de Ruptura**. São Paulo: Cortez, 1995. 311p.

SOARES, Ilma Rezende. **Dos intelectuais ao Estado**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, n. 40, p.81-100, dez. 92.